

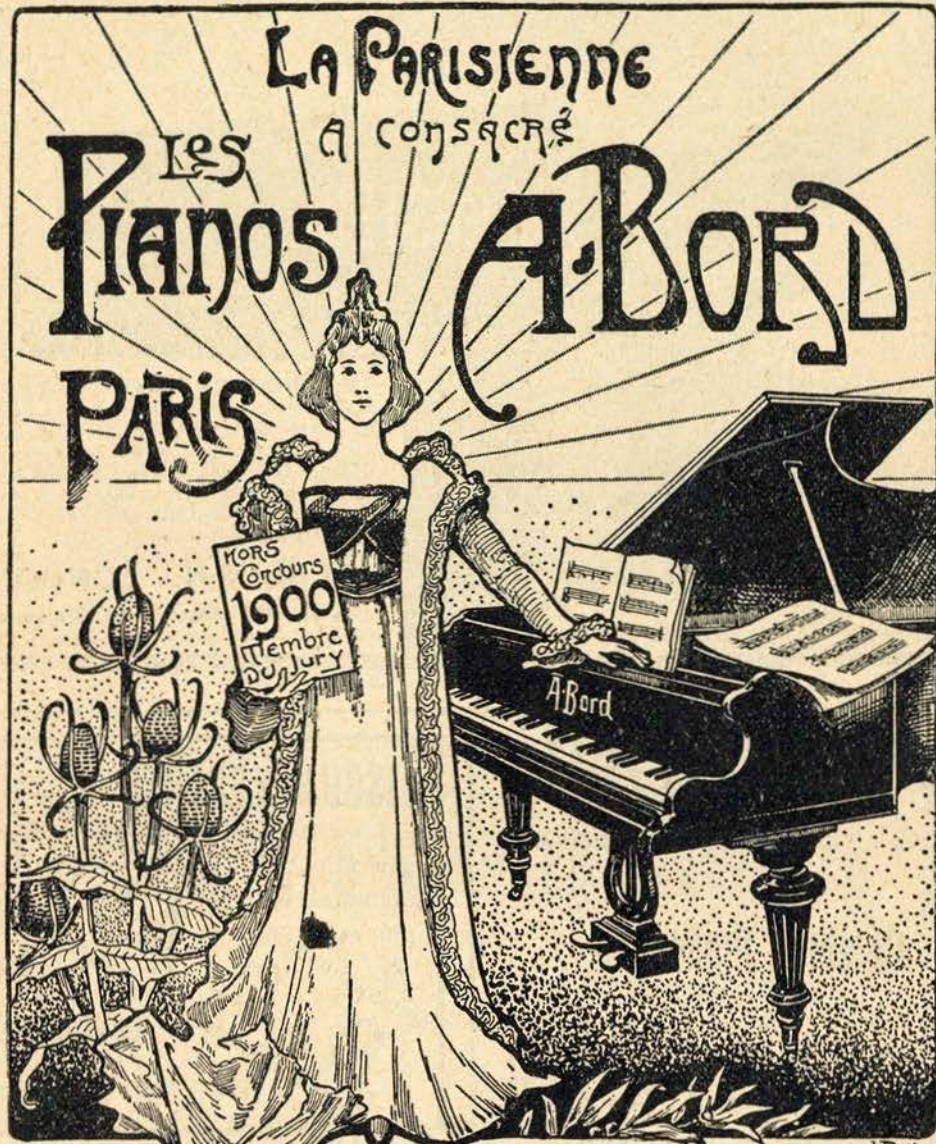
ANNO V
NUMERO 102

A ARTE

MUSICAL



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14 bis BOUL' POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual. 3:000 pianos
Produção até hoje 100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors Concours

FORNECEDDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.— Imperador da Russia.— Imperatriz Frederico.— Rei d'Inglaterra.— Rainha Regente de Hespanha.— Rei da Romania.— SS. AA. RR. o Duque de Saxe Coburgo-Gotha.— Princeza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N. LONDON W
 57, Johannisstrasse 40, Wigmore Strett

LAMBERTINI
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 Celebres Pianos
 DE
BECHSTEIN

LUVARIA
GATOS

—◆◆◆—

260, Rua Aurea, 270
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de
 gravatas, col-
 larinhos e
 punhos

M. C. ALVES

NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS

15 a 17 PRAÇA de D. PEDRO—LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES, (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
 De F. LOPES & C.^a
 108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel' angelo Lambertini

LISBOA

42, Rua da Bombarda, 50

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — O quarteto tchèque — Oscar da Silva — La damnation de Faust — Joaquim Antonio Martins Junior — Carta de Leipzig — Theatro de S. Carlos — Concertos — Chronica Portuense — Noticiario — Necrologia.

Depois de bons estudos classicos, entrou com treze annos no conservatorio, de cujo director, Bennewitz, foi discipulo por espaço de sete annos.

O quarteto tchèque

Este nucleo de brilhantes artistas que ha

Estreiou-se como violinista em 1890, em um concerto no proprio conservatorio e no concurso final, teve um extraordinario exi-



poucos dias nos visitaram merecem bem a homenagem da nossa primeira pagina.

Eis os dados biographicos que pudemos colher de cada um dos illustres quartetistas.

Karl Hoffmann, o primeiro violino, nasceu em 12 de dezembro de 1872 em Praga.

to com a interpretação impecavel do *concerto hungaro* de Joachim.

Como recompensa do seu trabalho e dos resultados obtidos, a direcção do conservatorio fez-lhe presente de um magnifico violino de auctor.

Josef Suk, que desempenha no quarteto as funções de segundo violino, é mais novo dois annos que o seu collega Hoffmann e nasceu em Krecovic (Bohemia). Recebeu as primeiras lições de seu pae tambem professor e excellente musico, e matriculou-se no conservatorio em 1885. Ahi estudou violino sob a direcção de Bennewitz e composição com o celebre Anton Dvorák, hoje seu sogro. No fim de dois annos de estudo teve a fortuna de ouvir executar uma symphonia dramatica de sua composição, em um dos concertos de Praga. Valeu-lhe esse successo uma distincção honorifica por parte da *Academia de Sciencias e Bellas Artes*, de Praga, de recente fundação. Entrou francamente no caminho da composição e apresentou um quarteto com piano á apreciação do Ministerio da Instrucção Publica, que outorgou ao joven compositor, em nome do governo, um animadôr subsidio de viagem.

Entre as suas obras, citam-se um *trio* com piano, uma *serenata* para cordas e um *quinteto* com piano, que é dos seus trabalhos mais recentes.

Oscar Nedbal, violeta, é filho de um advogado de Tabor (Bohemia), que sendo um entusiastico amator de musica fundou a sociedade musical d'esta cidade. Nedbal começou os seus estudos no Lyceu e entrou no Conservatorio, com 11 annos, em 1885.

Chegou infelizmente demasiado tarde para o exame de admissão e viu-se forçado a frequentar a classe de clarim, por já o não poderem aceitar na do violino, que era a sua vocação.

Estudou durante dois annos e bastante contrariado o clarim, acabando por declarar que deixaria o Conservatorio, se o não admittissem na classe que ambicionava. Cedeu por fim a direcção ás instancias do infeliz alumno, que passou a estudar o instrumento da sua predilecção até 1892, obtendo as melhores classificações e iniciando uma brilhante carreira de concertista.

Tem-se distinguido tambem como director de orchestra e como compositor, tendo mesmo obtido um premio em uma das suas obras orchestraes.

Em Paris, tem Nedbal recebido de Colonne a honra da cedencia da sua batuta na direcção da orchestra dos grandes concertos. Ainda no anno findo dirigiu Nedbal com successo extraordinario a orchestra de Colonne, que executou por essa occasião brilhantemente uma nova suite de Dvorak.

Hans Wihan, professor de violoncello no Conservatorio de Praga, desde 1888, nasceu em 5 de junho de 1855 em Politz, perto de Braunau onde seu pae desempenhava um emprego publico. Desde a primeira infancia,

manifestou notaveis aptidões musicaes, a ponto de interessar muito particularmente o então director do Conservatorio de Praga, M. Krejei: mas teve de lutar muito com a obstinação de seu pae, que reprovava as suas tendencias para a arte musical.

Foi porem desde logo recebido no 2.º anno da classe de violoncello e obteve um triumpho, no exame final, com o *concerto* de Schumann.

Foi nomeado, em 1873, professor do *Mozarteum* de Salzburgo: foi durante muito tempo solista da orchestra Bilse, em Berlim, viajando com ella pela Allemanha.

Em 1877 foi nomeado concertista da Capella do principe de Schwarzburg-Sondershausen, onde se conservou até 1880; n'esta epocha entrou como primeiro violoncello na orchestra real de Munich e filiou-se no Quarteto de musica de camara do rei Luiz II.

Com este quarteto tocou varias vezes diante de Wagner, na sua residencia de Bayreuth, *Wahnfried*, percorrendo tambem a Allemanha e Austria, em viagens artisticas.

Nas duas bellas sessões de musica de camara a que tivemos o praser de assistir em S. Carlos, em 23 e 24 do corrente, pudemos apreciar as qualidades de precisão, de unidade, de afinação e de brio que caracterisam o notavel grupo de concertistas.

Executaram-se na integra os quartetos de Grieg, op. 27, de Beethoven, o primeiro da op. 59, de Dvorák, op. 96 e de Schubert, obra posthuma: além d'isso, dois numeros do quarteto de Tschaikowski, o final do 8.º quarteto de Haydn, a que se chamou impropriamente *perpetuum mobile*, um *nocturno* de um quarteto de Borodine e um *scherzo* de um outro do mesmo auctor.

Difficil se nos torna apreciar em breves palavras os dotes caracteristicos de cada um dos executantes, cujo trabalho de *ensemble* chegou por vezes a arrebatarnos e se uma que outra vez as differenças de intenção ou de temperamento nos trouxeram uma ligeira impressão de desequilibrio ou de falta de ponderação na respectiva sonoridade dos quatro instrumentos, é fora de duvida que não houve um só momento em que a precisão do ataque não fosse notavel, a fusão admiravelmente obtida e cada uma das obras não fossemeticulosamente promenorizada por cada um dos elementos componentes do quarteto.

E' um raro e inestimavel prazer ouvir a musica de camara assim traduzida!

A primeira das obras executadas foi o quarteto de Dvorák, que pela primeira vez se ouvia entre nós e que achamos um tanto pobre na polyphonia e algo descosido, como as outras obras que já conheciamos do mesmo

auctor. Como execução, salvo o harpejo da violeta no segundo andamento, cuja sonoridade reputamos n'aquella occasião excessiva, não podemos senão elogiar os illustres quartetistas, que, pela sua nacionalidade, temperamento e tradições, não podiam deixar de comprehender em todos os seus detalhes a arte um tanto extravagante do primeiro musico tchéque.

Seguiram-se os dois numeros de Tschai-kowski, dos quaes o primeiro é o celebre andante tão conhecido entre nós e o segundo, um *scherzo*, não nos fez a menor impressão.

O quarteto em *ré menor* de Schubert é por assim dizer a obra prima dos 20 quartetos d'este auctor. O *andante* é uma serie de variações sobre um singelo *lied*: mas que riqueza de tonalidades, que maravilha de lyrismo e de phantasia!

Quanto á interpretação foi realmente maravilhosa e basta apreciar a nitidez, a certeza e a unidade com que foi dito aquelle extraordinario *presto final* para se perceber que se estava em frente de esforçados campeões da grande Arte, que ali deviam dar aos seus poucos ouvintes uma lição esthetica, das que não esquecem facilmente.

Tocou-se tambem n'este primeiro concerto o *perpetuum mobile* de Haydn, que já nos ia esquecendo de mencionar, apesar de o ter feito repetir o bom do publico, *epaté* pelo quadruplo acrobatismo da execução.

Começou logo o segundo concerto com uma deliciosa cousa—o quarteto de Grieg.

Em toda a obra de Grieg é originalissima a forma que revestem as suas impressões: impregnada de um forte sentimento de nacionalidade, lembrando a cada passo a natureza rude e accidentada da patria norueguesa, tem sempre o condão de nos encantar e de nos commover, tal é o viço e a frescura com que todo o seu discurso musical se desenrola e o arrojo das suas multiplas combinações harmonicas, sempre novas e attrahentes.

O quarteto em sol menor é das obras mais encantadoras do famoso compositor noruegues e na propria irregularidade dos moldes, dá-nos bem a medida typica dos processos do seu auctor e do poder de seducção que os caracteriza. Os artistas tchéques interpretaram-o primorosamente, respeitando uma a uma todas as intenções, n'uma uniformidade de interpretação e de colorido, que não podia deixar de maravilhar os mais exigentes.

Os dois numeros de Borodine que se lhe seguiram e dos quaes foi *bisado* um d'elles eram materia nova para nós e cremos que seria mister um maior numero de audições

para formar um juizo seguro sobre o seu valor.

Quanto ao quarteto de Beethoven, era evidentemente a peça capital dos dois programmas e tudo tinha de desaparecer diante d'esta genial garra beethoveniana que em toda a parte e em todas as circumstancias se ha de impor acima de tudo e acima de todos.

O quarteto em fá maior que nos foi dado ouvir, é o primeiro d'esse *segundo estylo* que devia em rigor ser o primeiro, porque é aquelle em que o poderoso genio de Beethoven nos apparece em toda a sua magnitude e em toda a sua independencia. Basta ouvir os 19 compassos do thema inicial d'este quarteto para não poder ouvir a frio tudo o mais: o fundo tragico em que todo este admiravel *allegro* está urdido dá-nos bem a medida da estatura leonina do grande compositor.

O *allegretto*, que toma o lugar do *Scherzo* é uma das paginas mais grandiosas que Beethoven escreveu no genero e n'este *sempre scherzando* que parece eternisar-se, mas que não cança um só momento, pudemos bem avaliar o trabalho colossal dos illustres artistas tchéques e as qualidades preciosas de unidade que distinguem a sua execução. Não se pode fazer melhor, nem manter com maior segurança um rythmo teimoso, em que o menor desfallecimento podia prejudicar sensivelmente a unidade esthetica da obra.

O *adagio* é repassado de um profundo sentimento pathetico, que os tocadores sempre respeitaram maravilhosamente.

Apoz uma delicada transição, em que pouco a pouco se vae desanuviando o semblante carregado d'este *Adagio*, segue-se o *allegro final*, em que Beethoven introduziu um *thema russo*, como deferencia para com o personagem a quem o quarteto foi dedicado. É o que menos nos impressionou como obra e como interpretação.

E eis em breves traços a descripção d'essas duas soberbas audições de musica seria e elevada, que na pacatez do nosso meio, representaram sem duvida um notavel acontecimento d'arte.

Alguns dos nossos collegas diarios tem verberado a ausencia do pobre publico, que entendeu dever quasi abster-se nos concertos dos tchéques.

Não tem em bôa verdade razão os collegas nem os costumamos vêr tão inflamados quando esses insuccessos financeiros se dão... fóra do Theatro de S. Carlos.

O facto de estarem em jôgo os sacrosantos interesses do Sr. Pacini não merece que tanto nos amofinemos.

Lembre-mo-nos que muitas vezes vem artistas de valôr reconhecido a este barbaro cantinho da Europa e nem ao menos cobrem as despesas de viagem. E ninguem os lastima. . .

No caso conjuncto os artistas não perderam dinheiro, graças á Divina Providencia.

E o publico francamente fez sacrificios medonhos para que a empresa não fosse muito prejudicada. Pois não viram os illustres collegas que uma boa terça parte de publico se entretinha a lêr os ultimos jornaes e outra terça parte roncava desabaladamente ao som das inspiradas harmonias dos tchèques? Pois quando ha uma tão grande maioria de sacrificados, chega a ser impiedade exigir maiores sacrificios por uma causa forte, que não precisa de protecções nem tem feito muito para as merecer.

L.



Oscar da Silva

e a sua D. MECIA no Porto

De um vibrante artigo do illustre critico portuense, o sr. Ernesto Maia, no *Diario da Tarde*, pedimos licença para transcrever os seguintes periodos, como dupla homenagem á generosa penna que os subscreveu e á sympathica personalidade do artista que os inspirou.

Como se sabe a opera de Oscar da Silva, não logrou fazer-se ouvir na capital do norte, porque poucos assignantes responderam ao apello da empresa do S. João e esta não teve a coragem de se lançar n'um caminho em que o resultado financeiro se antolhara duvidoso.

«A maioria dos assignantes não quiz um pequeno sacrificio, assim como a empresa tambem não desejou arriscar-se em prol da arte nacional, á qual não deve favores. Todos estão no seu logar e a ninguem temos o direito de dirigir censura porque, quando se trata de arte portugueza, estamos fartos de saber que é de chapéu na mão na attitude humilde de quem implora uma esmola — que temos de pedir — quer ao publico quer ás empresas. O maior numero de vezes é uma casa de negocio. Aquillo explora-se ao acaso, sem intuito educativo, sem um plano calculado, explora-se com o que mais dá.

A sorte d'um compositor de talento, cheio de esperanças, querendo mostrar o seu trabalho para retirar d'ahi a coragem e a energia com que produza mais e melhor, não

entenece ninguem. Para executar uma opera arrisca-se dinheiro, e os empresarios sabem fazer contas. Nada importa o progresso nem o futuro dos artistas portuguezes, porque a musica, boa ou falsificada, ha-de ser sempre n'este paiz para italianos e hespanhoes. A esses toda a protecção incondicional, quer sejam artistas de talento e de educação quer venham das infimas camadas sociaes com tirocinio por barracas artisticas. Grandes noticias laudatorias com retratos nas gazetas para enviarem ás familias e ás agencias, presentes valiosos, altas demonstrações de consideração, e eil-os que partem fazendo *pied-de-nez*, a rir-se de quem lhes faz tudo isso. . . de graça, porque n'outros paizes a celebridade paga-se muito cara, quando não ha muito talento que a justifique. Porém, desde que se trate de animar os nacionaes a trabalhar e produzir, a maioria do publico regateia os seus tostões e as empresas encontram mil difficuldades a oppôr, ou risinhos paliativos com que se alimenta a fagueira esperanza de portuguezes ingenuos.

O que acima escrevemos não quer dizer que alimentemos odio ou má vontade aos estrangeiros que nos visitam, porque em questão de arte não reconhecemos fronteiras. Pelo contrario, devemos muito reconhecimento a todo o estrangeiro que, pelo seu saber e pela seriedade da sua arte, contribua para a educação do nosso publico; mas, quanta arte avariada e absolutamente inferior nós não aturamos indulgentemente? Quanto artista mediocre, ignorante de coisas rudimentares na sua especialidade, aqui se acolhe com benevolencia e applauso? Estas considerações levar-nos-iam muito longe. Por agora, o nosso fim, é simplesmente o de affirmar que perdeu o publico em não ouvir a linda novella lyrica de Oscar da Silva, obra cheia de inspiração e de interesse, revelando um alto temperamento de compositor que honraria o nosso paiz se este e outros factos o não fizessem desanimar na carreira que tanto amã; e perdeu tambem a empresa Fereal, porque, de certo teria compensações superiores com a «D. Mecia» ás que talvez tenha obtido com outras operas, que n'esta epoca lhe deram mais dispendio e canceira. Não se pensou n'isso quando se devia e foi pena. Ainda assim é digna de agradecimento a boa vontade da empresa em prolongar a temporada para aquelle fim, embora não tivesse um formal compromisso de pôr a opera em scena. Havia apenas promessas que, como diz o povo, não pagam dividas. E estas coisas só se conseguem pelo esforço da vontade, que aqui só tem effeito directo para as obras

de Puccini, que realisaram cerca de 20 espectaculos, n'uma temporada de 50 recitas. Feliz compositor!

Quanto a Oscar da Silva, se tem talento, deve escondel-o ou emigrar. Nada espere de empozarios n'este paiz. Perdeu um caloroso e justo successo para a sua obra no Porto, mas tome o nosso conselho: em lugar de escrever operas, escreva fados, até que hajam governos e municipios que olhem para estas coisas.



La damnation de Faust

Ha mais de meio seculo que corre mundo a famosa obra prima de Berlioz (1); n'este canto infeliz da Europa, só agora se pensou em dal-a a conhecer, não diremos na integra, porque seria uma força de expressão que a nós proprios não perdoariamos, mas por fórma a ajuizar-se vagamente do altissimo valor de tão grandiosa partitura.

E' curiosa a historia das vicissitudes por que passou esta lenda dramatica, calcada como se sabe, sobre o *Fausto* de Goethe. Não as transcrevemos aqui, porque vem largamente descriptas n'um substancioso prefacio com que abre a edição franceza da *Damnation de Faust*.

Basta que se saiba que nas duas primeiras audições (2) o publico e a imprensa (sempre os mesmos!) acolheram friamente o formoso trabalho de Berlioz e por pouco o não votam ao mais desolante ostracismo. Foi profundo o desanimo do grande Mestre incomprehendido e era com mal dissimulada amargura que dizia muitas vezes «Rien dans ma carrière d'artiste ne m'a plus profondément blessé que cette indifférence inattendue.»

Mas a indifferença tomou proporções de guerra aberta, por parte de alguns criticos d'aquelle tempo. O rotineiro Scudo, que buscava todas as occasiões para combater as ideias novas e a tão justa evolução da Arte, disse a proposito da *Damnation de Faust*. «Se Berlioz, por um lado não encontra quasi sempre em vez de ideias, senão cantos incomprehensíveis, por outro, não se quiz dar ao trabalho de estudar sufficientemente a arte de escrever. Berlioz não só desconhece por completo a maneira de tratar a voz humana; a sua orchestração é um amalgama de curiosidades sonoras, sem corpo e sem desenvolvimento.»

(1) Je regarde cet ouvrage comme l'un des meilleurs que j'aie produits — BERLIOZ. — (2) Opera Comique, 6 e 20 de dezembro de 1846.

Com este e quejandos pontifices não admira que a opinião publica fosse adversa ao brilhante *spartito*; só o tempo, o grande mestre das multidões, só o tempo é que mais tarde havia de fazer justiça.

E fel-a largamente. Hoje a obra de Berlioz já não encontra detractores e se n'um ou n'outro povo menos culto em materia musical, como o nosso, certos agrupamentos sonoros, certos rythmos bizarros podem causar estranheza, não ha um só ouvinte que se não sinta fortemente emocionado com a variedade das melodias, ora doces e penetrantes, ora largas e energicas, musica expressiva e pittoresca, habilmente contrastada, rica de intensa seiva e de colorido pessoal, musica de um mestre que marcou um lugar culminante na historia musical do seculo XIX e que todo o mundo civilizado hoje respeita.

Infelizmente não poude a execução da obra prima de Berlioz effectuada no theatro de S. Carlos em 18, attingir qualquer grau de perfeição mesmo relativa.

Confiadas as duas partes principaes (Fausto e Margarida) a artistas que nem tem os recursos vocaes necessarios, nem se demoraram, ao que parece, em estudar a orientação psychologica dos respectivos personagens, tinha de ser fria e por vezes tediosa a interpretação d'uma boa parte da obra.

Concorreu tambem muito para isso a pouca nitidez e perfeição de todo ou quasi todo o trabalho da orchestra, que não só aqui, como em toda a litteratura de Berlioz tem responsabilidades de alto quilate. Houve pontos até e entre elle nos lembra o acompanhamento em semicolcheias da phrase de Margarida «*E solo per vederlo*» na romança do ultimo acto, em que o proprio rythmo soffreu os mais degradantes ultrages. Na canção do rei de Thule, iniciada por um insistente *ritornello* da violeta, tambem o rythmo ficou obscuro para os instrumentos acompanhantes, para a propria cantora e para os ouvintes.

E depois a obra soffreu as mais irreverentes mutilações, chegando-se em certos pontos a escortinhal-a sem dó nem consciencia.

Logo na primeira scena, quando Fausto, vagueando nas planicies da Hungria, entôa um hymno á primavera que renasce e ao sol que se levanta, se julgou poder supprimir todo o canto «*S'io avessi mai a dir*», deixando a orchestra abandonada a si propria, n'um trabalho symphonico de todo o ponto interessante, mas insufficiente, assim o julgou o auctor, para descrever nitidamente a situação. É preciso realmente que este acompanhamento orchestral tenha por si só um grande valor symphonico para que

se não torne risível uma mutilação tão escandalosa.

De facto o grande compositor francez tratou todo este quadro campesino com uma largueza verdadeiramente notavel e difficilmente se pode descrever com penna mais firme o dôce concerto da natureza que acorda. É mesmo a nosso ver uma das paginas mais bellas da partitura.

O côro dos camponeses, que se lhe segue, e que é por vezes interrompido pelos queixumes do protagonista, é de uma animação e de uma alegria encantadoras, que contrastam com muita felicidade com o rasgo bellicoso da celebre marcha de Rakoczy, com que fecha a primeira parte (1) e cuja execução foi quasi sempre indecisa e molle.

Começa a segunda parte com o monologo do doutor Fausto, no seu gabinete de trabalho. Mas ahi nova escamoteação nos estava preparada e a phrase que começa «*Ma perché il guardo mio impossente s'arresta?*» foi prudentemente supprimida.

Tanto este monologo, repassado de um sombrio desespero, como o côro da Pasqua que irrompe no momento em que Fausto chega aos labios o licôr mortifero, (côro que tambem soffreu um corte), se fundem depois n'um *ensemble* grandioso, n'um magistral *hossanna* que é das paginas mais suggestivas da obra.

Segue-se o recitativo de Fausto, que respira uma dôce quietação, a breve trecho interrompida pela sarcastica intervenção do diabo «*O pura commozion!*». Seja dito de passagem que este bello duetto entre o barytono e o tenor foi tambem mutilado.

Eis que Mephistopheles conduz o seu novo amigo á taverna de Auerbach. Abre este quadro com o côro de bebedores, de uma alegria communicativa: a canção do rato frito, que se lhe segue não é das melhores paginas, mas como execução não hesitamos em elogiar o baixo Rossi, que se encarregou da pequena parte de Brander e que a detalhou sempre muito satisfatoriamente.

(Continua).

I..

(1) Esta marcha estava de ha muito composta, quando Berlioz ordenou as scenas do Fausto pela formá porque hoje as conhecemos na *Damnation*.

O exito extraordinario que elle teve em Pesth é que o animou a transportar o seu Fausto para a Hungria, afim de dar logar á famosa marcha.

Mas os criticos allemães censuraram-o asperamente por essa viagem que Goethe não tinha de modo algum auctorisado ao seu heroe. Berlioz, que se não calava facilmente, responde-lhe no 2.º volume das suas *Memorias*, nos seguintes termos:—«*Je me suis souvent demandé pourquoy ces mêmes critiques ne m'ont adressé aucun reproche pour le livret de ma symphonie de Roméo et Juliette, peu semblable à l'immortelle tragedie! C'est sans doute parce que Shakespeare n'est pas Allemand. Patriotisme! Fétichisme! Crétinisme!*»

GALERIA DOS NOSSOS

Joaquim Antonio Martins Junior



É filho do distincto professor de musica Joaquim Antonio Martins.

Principiou os seus estudos na Real Academia de Amadores de Musica, matriculando-se na aula de rudimentos, que n'essa época era regida pelo maestro Luiz Filgueiras.

Abraçando a mesma carreira artistica de seu pae, applicou-se ao cornetim, tornando-se em pouco tempo excellente artista e tendo por mestres os notaveis tocadores Frederico Jayme de Carvalho e Mello e João dos Santos Fernandes, mais vulgarmente conhecido pelo Perico.

Sentou praça na banda de infantaria n.º 5, passando em seguida para a Banda da Guarda Municipal de Lisbôa no anno de 1889, onde permaneceu por algum tempo; obtendo transferencia para a Banda de Caçadores n.º 5 d'El-Rei, occupou alli o logar de 1.º cornetim solista, onde pelo seu merito e qualidades moraes grangeou a estima de todos os seus superiores, sentindo-se bastante a sua falta, quando novamente veio desempenhar um dos logares de 1.º cornetim solista na Banda da Municipal, onde se conserva.

*Tem feito parte de diversas orchestras dos theatros d'esta capital e entrou para a do Theatro de S. Carlos em 1890, fazendo actualmente parte, em substituição do celebre artista João dos Santos Fernandes, da orchestra do Theatro da Trindade, como 1.º cornetim, desde 1896; a sua collaboração nos trabalhos da Escola de Musica de Camara, tocando admiravelmente a parte de clarim no *Septuor de Saint-Saëns*, pô-lo agora em brilhante evidencia.*

*Como compositor tem escripto varios trechos para o instrumento da sua especialidade, entre elles figura a polka *Estrella Polar*, obrigada a cornetim, que pela primeira vez executou em Evora, com geral applauso.*

BORGES DA SILVA.



Carta de Leipzig

Devemos á amabilidade do nosso bom amigo, e solícito correspondente em Leipzig, Joaquim Ferreira da Silva, uma longa carta em que nos dá inúmeras e interessantes noticias musicas, que os nossos leitores saberão por certo apreciar, como as vamos transcrever, agradecendo ao nosso excellente amigo o interesse que toma sempre em nos trazer bem informados.

Despretenciosamente, e com o estylo simples do narrador, vamos extractar quanto se offerece d'interesse na carta do sr. Ferreira da Silva, que abrange de começo de fevereiro a meiado de março.

«A dez de fevereiro teve logar em Leipzig o concerto da sociedade de canto Jadassohn, dirigida por B. Licht, cantando-se mottetos de Jadassohn e de Reinecke. Execução muito cuidada e primorosa.

«A opera *Michel'angelo e Rolla*, do compositor italiano Buongiorno, agradou extraordinariamente em Cassel.

«A *Griselidis*, de Massenet, cantou-se em lingua allemã no «Staat-Theater» de Zurich, com muito successo.

«No dia 11 de fevereiro, a orchestra do Gewandhaus festejou solemnemente o jubileu de Arthur Nikisch; offertando-lhe uma rica coroa de prata, com tantas folhas de louro quantos os professores, cujos nomes estavam gravados, cada um na sua, e com a dedicatória collectiva nas largas fitas de seda que a cingiam.

«A nova opera de Otto Darns *Narodal*, depois do exito alcançado em Gotha, vae-se dar igualmente em Coburgo e Breslau.

«No dia 12 fevereiro subio á scena em Hamburgo a *Lakmé*, do mallogrado Leo Delibes.

«Joachim, o patriarcha dos grandes violinistas existentes, com o seu quarteto, exhibiu-se recentemente em Paris, apresentando repertorio de Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann e Brahms.

«Vae cantar-se na *Opera-comique* de Paris uma obra de Krenzl, que contemporaneamente se cantará em Leipzig. Titulo *O homem do Evangelho!*

«Fritz Steinbach largou o logar de director da capella de Leipzig, para ir occupar o cargo de director de concertos, e do Conservatorio, de Colonia.

«Uma abertura inedita de Mozart, foi agora executada a primeira vez em Dresde, sob a regencia do director Kacken.

«Perosi, o celebre maestro ecclesiastico, trabalha actualmeete n'um novo oratorio: *A morte de Moisés*, que se dará pela primeira vez no proximo outomno, na sala Perosi, de Milão.

«Uma opera de Jarno teve grande successo no dia 8 de fevereiro no *Stade Theater* de Metz.

«Na opera de Leipzig deu-se o *Tristão e Isolda*, tendo como interpretes o tenor Urlus e Madame Lehmasin Kalsick.

Esta veio expressamente contratada para cantar, alem da opera de Wagner, o *Fidelio*, de Beethoven. Apesar do augmento consideravel dos preços, os logares do theatro estavam todos vendidos com grande antecedencia. A direcção suprema pertenceu a Nikisch, e pode bem suppor-se qual o effeito prodigioso com tão excepçoes elementos.

«*Mireille*, uma das obras primas de Gounod, vae ser cantada em allemão no theatro de Bremen.

«Hansegger escreveu uma larga composição sob o titulo *Marcha dos mortos*, a grande orchestra, solo de baixo e córos masculinos, que executada em Heidelberg foi muito victoriada, sob a regencia do proprio compositor.

«A oratoria *Christina*, de Rubinstein, vae subir á scena em Berlim.

«Alberto Kluge compoz uma opera o *Casamento de Nero*, cujo poema é extrahido da peça de Shakespeare *Muita bulha para nada*.

«Mademoiselle Suggia prosegue na sua triumphal carreira de successos. A 16 de fevereiro tocou n'um concerto da Universidade, sob a direcção de Zollner, o qual constou de córos cantados pelos estudantes, de peças de canto por uma artista da Opera, e do concerto de Romberg, para dois violoncellos com orchestra, tocando a nossa compatriota o primeiro, e o grande Klengel, o seu solícito professor, o segundo!) O successo foi colossal, e quasi de proporções insolitas. Alem do concerto tocou ainda a solo *Cantabile*, de Cezar Cui, e *Tarantella*, de Piatti, dispertando enthusiasmo indescriptivel. Sitt, convidou-a na occasião para um concerto em Altenberg, e o pianista Giloti, discipulo de Liszt, fez-lhe tambem convite para se fazer ouvir em S. Petersburg e Moscow. Sei ainda que recebeu outros convites para Magdeburg e Halle».

Estas noticias são todas do mez de Fevereiro. Em data de 13 de Março accrescenta, ainda na mesma carta, interrompida dias antes, o nosso bom amigo mais as noticias que seguem, que elle poude colher n'aquelle grande meio musical como é Leipzig:

«A projectada reforma sobre as vozes de soprano, nas egrejas catholicas, parece que não terá seguimento.

«Está projectada para dezembro do corrente anno uma extraordinaria commemoração do centenario do nascimento do grande Berlioz, em Paris. Na mesma epocha erigir-se-ha em Grenoble uma estatua ao grande e fecundo reformador, obra do notavel estatuario Urbani Basset, havendo na cidade uma imponente festa de musica, de caracter internacional.

«Em Spoleto fundou-se um museo consagrado a Gaspar Spontini, o celebre compositor da primeira metade do seculo XIX.

«A ultima operetta de Planquette vae ser cantada n'um theatro de Berlim, traduzida em allemão.

«Mademoiselle Suggia obteve um enorme successo no concerto realiado no theatro d'Altenberg, com a orchestra da côrte do duque d'aquella cidade; e sob a regencia de Sitt. Tocou o concerto de Volkmann, com orchestra, o 2.º nocturno de Chopin, Serenada de Sitt, Tarentelle, de Popper, todas acompanhadas pela orchestra e por fim a «Fleur d'automne» de Popper, com acompanhamento de piano. Impossivel se me torna relatar o enthusiasmo que suscitou, e acompanhou cada um dos trechos da nossa grande artista. Tive occasião de assistir ao concerto, por amavel convite do eminente Mr. Sitt, e asseguro que raras vezes tenho visto tão imponentes manifestações, como as que alcançou a joven *virtuose*!

«Chegou agora mesmo a Leipzig o pianista portuense Raymundo de Macedo, que vem recommendado por Oscar da Silva, e vae entrar no Conservatorio d'esta cidade.

Desculpe-me, se algumas noticias vão algo retardadas, mas ainda assim creio que para Lisboa poderão despertar interesse. Sempre que os meus estudos m'o permittam, transmittirei o que souber e me parecer digno de relatar.

JOAQUIM FERREIRA DA SILVA.



A nossa ultima chronica a respeito de S. Carlos tem a data de 13 do corrente. Ha exactamente 15 dias. Durante elles despediu-se de nós a Sr.ª Guerrini, que era uma bella artista de canto e uma conscienciosa actriz.

Ainda tomou parte em duas das celebres recitas de *Rigoletto*, da novissima assignatura extraordinaria. Com a terceira recita de *Rigoletto* despediu-se no dia 22 o tenor Caruso, fazendo aos frequentadores a promessa de voltar no proximo anno. Deus o traga a salvamento e com larga demora.

No dia 19 foi a primeira das doze recitas da nova assignatura, para que no theatro lyrico possa ser offerecido um espectáculo de gala ao rei d'Inglaterra. Com estas recitas reapareceu no palco a Sr.ª Regina Pacini, que continuou a ser muito bem recebida e muito apreciada.

No dia 25, na *Bohème*, reapareceram tambem dois artistas já nossos conhecidos: o baixo Andrea Perellò de Segurola, que em S. Carlos cantou durante duas epochas seguidas, tendo debutado em 4 de janeiro de 1900, nos *Puritanos*, na companhia de Regina, Bonci e Sammarco. Que bellas noites aquellas! São decorridos apenas tres annos, mas... *quantum mutatus ab illo!*

Em companhia do Sr. Perellò reapareceu o tenor hespanhol Florencio Constantino, com o qual em 1900 mal tivemos tempo de fazer conhecimento, porque apenas o ouvimos em 18 e 21 de março no *Rigoletto*, e em 19 na *Bohème*, ultima das recitas ordinarias d'aquella epocha. No entanto já no numero da *Arte Musical* de 31 de março de 1900 a elle nos referimos, dizendo que tinha voz de timbre agradável, pouco volumosa, de facil emissão, embora com alguns defeitos no phrasear, que em especial tinham sido manifestos no *Rigoletto* e que naturalmente o artista iria corrigindo com a prática, principalmente se deixasse de cantar ao sabôr d'um certo publico amator de phantasias, como tinha succedido na *Ballata*. Este anno estreou-se o Sr. Constantino na *Bohème*, em que foi sempre correcto e feliz, conseguindo obter uma ovação no *racconto* do primeiro acto, porque um mal intencionado ou um menos entendido embirrou com uma nota aguda dada em falsete pelo artista.

Ora é preciso que se saiba que as notas dadas em falsete foram permittidas até nos tempos aureos do *bel-canto*. Adolpho Nourrit, para quem Rossini escreveu a parte de Néocles do *Cerco de Corintho*, cantado pela primeira vez na Opera de Paris em 9 de outubro de 1826, assim como a parte de Arnoldo do *Guilherme Tell*, cantado pela primeira vez no mesmo theatro em 3 d'Agosto de 1829, era um tenor que estava então no apogeu da gloria e que, com uma voz *mixta*, quasi tão forte como a de peito, dava facilmente o *dó agudo*, errada e vulgarmente chamado *dó de peito*, e excedia mesmo esse *dó agudo* com um esplendido falsete, que

nunca ninguém se lembrou de lhe reprovar.

Ainda mais. Bellini escreveu os *Puritanos* contando com as excepcionaes qualidades artisticas do celebre tenor Rubini, uma verdadeira maravilha da epoca, cognominado *rei dos tenores*, fallecido em 1854. Pois a parte de tenor da partitura dos *Puritanos* está escripta n'uma tessitura tão elevada que chega a parecer-nos impossivel que Bellini a escrevesse. Se no quarteto do 1.º acto o tenor sóbe até ao *dó sustenido agudo* e se no *allegro moderato* do duetto do 3.º acto, com Elvira, vae até ao *ré agudo*, no *largo maestoso* do final, em *ré* bemol maior, sóbe até ao *fá* agudissimo, que ninguém naturalmente esperaria ouvir dar com som pertencente ao registo de cabeça. Só em falsete, embora claro, seria possivel attingir uma tão aguda nota.

E como durante estes quinze dias decorridos não tivemos occasião de ouvir pela primeira vez algum cantor, tambem nada mais temos a dizer e por aqui encerramos a nossa chronica.

28 de março.

*

Na noite de 28 do corrente apresentaram-se no *Othello* de Verdi o baritono Maurel e o tenor Angioletti.

O sr. Maurel foi um artista muito considerado, que deixou as melhores impressões nas scenas lyricas por onde passou. Hoje, nas condições em que a sua voz se encontra, a sua escriptura com certeza visou a aproveitar as suas magnificas aptidões como artista dramatico para tomar parte no desempenho do *Othello* e do *Hamlet*.

O tenor Angioletti tem umas notas agudas bem timbradas e sonoras. Bom seria que o artista pudesse trabalhar a voz para egualar o seu volume tanto quanto possivel nos diferentes registos.

ESTEVEZ LISBOA.

CONCERTOS

A 15 de março teve lugar no salão Gil Vicente, do Porto, um sarau cujo producto reverteu em favor do dispensario da Rainha. No programma collaborou em larga escala a eximia cantora Madame Bullicioff Caldeira e seu marido o illustre baixo portuguez Innocencio Caldeira. A notavel prima-donna cantou varios trechos, nas linguas italiana, franceza, russa e portugueza, taes como a aria das joias do *Fausto*, *Nenia* do *Mefis-*

tofeles, uma canção russa, e a romanza portugueza *Lembranças do nosso amor*.

Innocencio Caldeira cantou as arias do *Salvator Rosa*, *D. Carlos*, *Bocanegra*, e a pedido uma peça de Haendel e *Non t'amo piu*, romanza expressiva de Tosti.

Na parte instrumental fizeram-se ouvir os srs. Xisto Lopes, Carlos Quilez e Henrique Carneiro. Recitaram-se poesias e o successo tanto em resultados materiaes, como nos applausos incessantes, mormente aos conjugues Bulicioff Caldeira foi enorme e excepcional.

*

A 18 effectuou-se no Theatro de S. Carlos a audição da *Damnation de Faust*, de que tratamos em artigo especial.

*

Na quinta feira 19 no theatro de S. João, do Porto, teve lugar outro sarau em homenagem ao grande escultor Soares dos Reis.

Tomou parte a tuna academica, que executou varios numeros, entre os quaes o Hymno-marcha da Academia de Bellas Artes e Marcha academica, o joven violinista Anneda, discípulo de Moreira de Sá, e este eximio concertista e professor, que se fez ouvir nas «arias bohemias» de Sarasate.

*

Na noite de segunda feira, 23 de Março, teve lugar um concerto extraordinario, promovido pela Academia de Amadores de Musica, com o amavel e prestimoso concurso dos notaveis cantores: M.^{elle} Angelica Pandolphini, barytono Bensaude e baixo Perelló. Os outros numeros foram exclusivamente preenchidos pela orchestra da Academia, que executou: Abertura das *Bodas de Figaro*; andante do quarteto de Tschaikowski; dois pequenos trechos de Mozart e Gluck; a *Folha d'Album* de Wagner, e *Réverie* de Vieuxtemps.

O maximo interesse coube aos numeros de canto; tendo ainda as honras da noite o Sr. Bensaude, não só pela magnifica escolha das peças que cantou, como por que nos deu ensejo de o podermos francamente apreciar, o que até agora mal poderamos fazer, no que lhe ouvimos em S. Carlos. E' um bello cantor, phraseando com elevada intuição, e desde o prologo dos *Palhaços*, magnificamente accentuado, até ás romanzas da Tosti e Quaranta, mostrou-se um verdadeiro representante do *bel canto*.

A Sr.^a Pandolfini foi, como sempre, a intelligentissima cantora, que tão bem sabe fazer-nos vibrar o nosso temperamento.

E o baixo Perelló, que agora se estreava

n'este concerto, mostrou que a sua voz tinha, porventura, augmentado de volume e tuba, sem que perdesse nada das suas qualidades de *diseur* fino e intelligente.

*

As noites de 23 e 24 foram destinadas no theatro de S. Carlos á audiçãõ do magnifico quarteto tchéque, de que fallamos no primeiro artigo d'este numero, o qual acompanha o retrato dos eximios concertistas.

*

Deslumbrante como exito e successo foi o festival da Associação dos Jornalistas do Porto, no theatro do Principe Real, d'aquella cidade.

Além da parte dramatica e litteraria, houve um largo concurso dos elementos musicaes, principalmente de canto, a cargo de madame Bulicioff e seu esposo Innocencio Caldeira que se fizeram ouvir n'algumas das melhores peças do seu repertorio já cantadas no sarau do salão Gil Vicente, e ainda n'outras, alcançando o mais ruidoso e significativo triumpho que podia ser-lhe tributado pelo intelligente e selectissimo auditorio que enchia a sala do S. João.

Quinhoou evidentemente d'esses applausos o eximio pianista Xisto Lopes, o notabilissimo acompanhador de peças de canto. Tambem se fez ouvir em dois andamentos do 1.º quarteto de Mendelssohn o quarteto Moreira de Sá, Henrique Carneiro, Benjamin Gouveia e Carlos Quilez.

Os jornaes portuenses não se pouparam a accentuar nos mais eloquentes termos o elevado valor dos elementos que concorreram para a realisacão do festival. Em especial se mostram reconhecidos para com o concurso tão valioso quanto consideravel dos esposos Bulicioff Caldeira, os heroes do sarau.

*

A *matinée* de 25 em casa do illustre professor Rey Colaço consistiu em um concerto-conferencia sobre Wagner, tomando parte as illustres amadoras Sr.ªs D. Maria Macieira Lino, D. Leonor Atalaya e D. Maria do Carmo Bahia e os Srs. Rey Colaço, Bahia e Von Koss.

Conferente foi o abalisado critico d'arte, Sr. Batalha Reis, que, ao que nos consta vae fazer imprimir o seu trabalho, de forma a poder ser apreciado por todos.

Brevemente realizar-se-ha em casa de Rey Colaço uma terceira *matinée*, consagrada a Schubert, sendo conferente o Sr. Dr. Alfredo Bensaude.

*

No mesmo dia houve uma encantadora *matinée* no Collegio Avenida, para festejar o anniversario da Sr.ª D. Maria Ignez Mongiardim Franciosi, directora d'aquella casa d'educação.

A parte musical que foi muito variada e bem preenchida constou de trechos de piano, como *Fileuse*, de Raff, *Scherzo*, de Mendelssohn, *Sonata*, de Weber, *Rondó*, de Beethoven, superiormente tocados pelas Ex.ªs Sr.ªs D. Maria Augusta F. Valle e D. Guilhermina Mongiardim, de trechos para bandolins e piano, executados pelas Sr.ªs D. Eugenia Oliveira Magro (piano), D. Maria Oliveira Magro (1.º bandolim) e o habil professor do collegio, Manoel Cardoso Gomes (2.º bandolim).

Foram elles: *Reveil du printemps*. — E. Bach; Seleccion da *Lucia*; Marcha turca de Mozart.

Ainda se cantaram dois córos pelas alumnas do estabelecimento, e se recitaram poesias e monologos, correndo sempre a festa com a maxima animacão e interesse de quantos assistiram, e não pouparam os applausos ás juvenis executantes.

*

No salão do Orpheon Portuense, realisouse em 26 do corrente um concerto promovido pelo distincto pianista Xisto Lopes, com a collaboraçãõ da sr.ª D. Bertha Velasco, e srs. Frank de Castro, Innocencio Caldeira, José e Benjamin Gouveia e Henrique Carneiro, executando-se na integra um quarteto de Mendelssohn e trechos de Saint-Saëns, Guimarães, Rubinstein, Haendel, Gade, Donizetti, Liszt e Napoleão.

Conforme noticiam os jornaes da capital do norte, foi esta festa mais um successo para o sympathico artista portuense que foi bastante applaudido bem como os distinctos amadores que o coadjuvaram.

*

No Domingo, 29, outra *matinée*, sendo esta promovida pela *Escola de Musica de Camara* no salão do Conservatorio, com o programma annunciado no numero anterior.

*

No mesmo domingo, 29, teve effeito, por iniciativa e em casa da illustre pianista Sr.ª D. Palmyra Baptista Mendes, um delicioso concerto em que, alem d'esta professora, tomaram parte os esposos Sarti e o maestro Goñi.

Andrés Goñi e M.ªe Mendes tocaram a sonata em mi bemol de Beethoven, na in-

tegra, tocando-se alem d'isso Schumann, Alkan, Beethoven e cantando-se Mozart, Schubert e Brahms.

Agradecemos penhorados a gentileza do convite e lastimamos que a antecendencia com que temos de apromptar o nosso original, nos impeça de dar minuciosa conta d'esta bem organisada festa.

*

Hontem, 3o, um bello concerto, tambem no Conservatorio, em favor do Circulo Operario Catholico, com o concurso da orchestra da *Real Academia de Amadores* e de varias personalidades musicas em evidencia.

*

Nos aposentos de S. M. a Rainha senhora D. Maria Pia, no palacio da Ajuda realisa-se a 6 de Abril, uma festa musical em homenagem ao Rei Eduardo VII.

*

Proximamente haverá tambem um concerto a favor da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* e outro organizado pela *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*, para apresentação de obras portuguezas.

O primeiro effectua-se a 7, no salão do Conservatorio e o segundo cremos que a 19 no salão da Trindade.



Como dissemos no numero anterior, não poude ter cabimento a chronica firmada pelo nos-o illustre collaborador, o sr Ernesto Maia, por ter chegado demasiado tarde ao nosso poder. A demora porem não lhe faz perder a menor parcella de interesse e por isso gostosamente a publicamos hoje.

*

A empreza do nosso theatro lyrico encerrou a sua temporada com tres concertos de orchestra, que se effectuaram na semana finda. Para isso aproveitou os meritos, já provados nos concertos de ha dois annos, do *maestro* Ricardo Villa, um novo que em Hespanha vae trilhando honroso caminho como director de orchestra e compositor, tendo-lhe sido executada a sua opera *Raymundo Lulio* no novo theatro lyrico de Madrid cuja direcção artistica lhe fora cometida. É sabido o insuccesso da tentativa, que custou fabulosa somma na construcção do esplendido theatro que, tendo sido destinado a animar os compositores hespa-

nhoes a escrever a grande opera, terminou por abrir as suas portas á exploração da zarzuella. O publico madrileno, deixando os compositores mais desanimados do que até ahí, teve comtudo ensejo de ouvir tres operas novas: a *Ciree de Chapi*, *Farinelli*, de Breton e *Raymundo Lulio* de Villa, que tiveram a encomiastica apreciação da critica, mas não a compensação lucrativa para o homem arrojado que se abalançou a tão arriscada aventura artistica.

Os hespanhoes só comprehendem por opera hespanhola as obras geradas nos seus assumptos nacionaes, com rythmos, motivos e danças do paiz, não concedendo ao compositor a liberdade de tractar o assumpto que mais se imponha ao seu espirito e ás suas faculdades. D'ahi o desastre financeiro que fez sossobrar a empreza não sem deixar lisonjeiramente marcado o lugar dos artistas que figuraram n'ella. Ricardo Villa que é incontestavelmente um bello temperamento de musico, affirmou-se brilhantemente como compositor e como regente; e n'esta ultima qualidade são grandes as sympathias que conta no Porto. Artista nervoso, disciplinador e bem orientado, tem um grande culto pelos concertos symphonicos, o que constitue uma bella recommendação ao seu talento. Não dispondo porém, senão da pequena orchestra do theatro que é de 52 executantes e sendo forçado a realisar os tres concertos no curto prazo de 6 dias, comprehende-se já, que só com muito trabalho e violento esforço de vontade, seria possivel preparar programmas em condição de perfeição que satisfizesse plenamente o paladar d'uma parte do nosso publico, por vezes injustificadamente exigente. No entanto, os concertos referidos attrahiram a S. João muito maior concorrência do que estamos habituados a vêr, e mais nos firmamos na opinião de que tão elevada e educativa manifestação artistica, poderia ser implantada solidamente entre nós se maior fosse a facilidade de organizar orchestra sufficiente; o que aqui é quasi irrealisavel fóra da temporada lyrica, pela falta de instrumentos de madeira etc. Mas quando isso fosse possivel, aonde estão os musicos portuguezes que se tenham dedicado á especialidade de directores de concertos symphonicos com a paixão, o ardor e a competencia que só um temperamento especial pode determinar? Não os encontramos, e por isso nos submettemos á tutela dos hespanhoes e dos italianos que nos visitam. Os programmas agora executados não foram elaborados d'uma fórma valiosamente educativa, havendo n'elles erros fundamentaes de selecção, alliada a uma condemnavel falta

de esclarecimentos, que se não perdoam quando se tracta d'um publico que desconhece quasi por completo estes assumptos. Para se vêr da leviandade com que se tractam as coisas no nosso theatro basta citar o seguinte: Os cartazes annunciaram a abertura dos *Mestres Cantores* de Weber; o preludio de *Tristão e Yolda!*; um numero do bailado de *Feramors* de Rubinstein era confundido na designação do prospecto com a abertura da *Cleopatra* de Mancinelli; tocaram-se no mesmo concerto nada menos de tres aberturas, indicaram-se os titulos em hespanhol, francez e italiano sem indicação das obras a que pertenciam e outros disparates que, se não deixaram o publico absolutamente confuso o deixaram pelo menos na mesma ignorancia em que estava antes dos concertos. E querem saber os resultados de tudo isto? A despeza dos tres concertos foi pouco mais ou menos de um conto de reis e a receita de 820.000 réis! Trabalhou-se muito sem resultado lucrativo, mas é incontestavel que o publico se interessou pela execução das peças muitas das quaes foram ouvidas com attenção e applaudidas com enthusiasmo. É d'esse facto que me occuparei no numero seguinte para não tornar demasiadamente extensa a chronica de hoje.

Porto, março, 1903.

ERNESTO MAIA.



Do paiz

Vae proceder-se ao concurso para a nomeação de cornetista da Sé patriarchal.

O praso para a admissão dos concorrentes fechou no dia 16 de Março, devendo as provas praticas ter-se realisado nos ultimos dias, d'este mez. A peça *d'obliga* foi a soberba phantasia d'Arban, sobre a *Muda di Portici*.



Não passa um numero do nosso quinzenario, sem que recebamos as mais satisfatorias noticias da nossa talentosa compatriota Guilhermina Suggia, cujo successo extraordinario, na serie de concertos em que se apresentou, atravez da Allemanha, foi de tal magnitude que ella, e o celebre violinista bohemio Jän Kubelik, foram os mais laureados, applaudidos, e conceituados *virtuosi*, d'entre a pleiade innumeravel dos que se produziram n'este anno.

Ultimamente fez-se ouvir em Alberthalle

e Altenburg, em dois brilhantissimos concertos, onde Guilhermina Suggia foi a *great attraction*, e alvo da mais insistente curiosidade. O concerto na sala Alberthalle foi considerabilissimo, assistindo a elle um auditorio de cerca de 10:000 pessoas. O da cidade de Altenburg, a que assistiu o nosso correspondente Ferreira da Silva, pode bem ver-se quanta importancia teve, pelos proprios termos da sua carta de Leipzig que no presente numero inserimos.

Do Estrangeiro

Recebemos os programmas de duas bellas sessões musicas do Conservatorio de Bruxellas, que tiveram logar a 18 e 28 de Fevereiro ultimo, dadas pelo grande violinista belga Cesar Thomson, com o concurso do pianista Delane e organista Boeck, e d'uma orchestra sob a direcção de Louis Van Dam, em ambas.

Na primeira prestou o seu concurso o conceituado quarteto vocal de Bruxellas, composto de Madame C. Fichet (soprano) M.elle Collet (contralto) Mr. Piton (tenor) e Mr. Fichet (baixo). Na segunda tomou parte Madame Otillia Metzger, cantora dos theatros de Colonia e Bayreuth, e o violinista Betti, que tocou com Thomson a 5.^a sonata de Haendel, para 2 violinos e piano.

Em qualquer das sessões, Thomson foi incansavel, produzindo-se ora a solo, ora em concertantes com piano ou orchestra; e na primeira executou o celebre concerto para tres violinos, com acompanhamento de instrumentos d'arco e orgão (tendo como parthenarios Mrs. Betti e Bach) original de Antonio Vivaldi, compositor do seculo XVIII, que escreveu com muito interesse, e prodigamente, para o violino, de que foi, no seu tempo, um dos mais celebres concertistas.

NECROLOGIA

Falleceu no dia 12 de março, o sr. Emilio Xavier Pires, antigo e entusiasta *dilettante* musical, e pae da eximia cantora Madame Pires Sanguinetti, hoje tão abalisada professora de canto da nossa capital.

A toda a enlutada familia enviamos a expressão sincera das nossas condolencias.



Falleceu em 26 o professor de musica Antonio Martinó, que fez parte da orchestra de S. Carlos e d'outras.

Era musico reformado.

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS-STUTTGART

A casa **Carl Hardt**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **Carl Hardt** distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e *sympathica*, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de forma a resistir a todos os climas.

A casa **Carl Hardt** obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **Carl Hardt**, em Portugal.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

DA

CASA LAMBERTINI

V. Hussla — 4. ^a Rapsodia Portugueza . . .	Rs. 17000
Furtado — Zininha (valsa)	» 500
Pereira — Natus est Jesus (canto)	» 500
Mantua — Pas de quatre.	» 500
Oliveira — Caldas-club (Pas de quatre) . . .	» 500
Mantua — P'ra inglez ver (valsa)	» 500
Rover — Arte nova	» 500
Pinto — Confidence (valsa).	» 500
Mackee — Hony Moon (valsa)	» 500

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições
SUCCURSAL DA CASA
CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen
» » » Anvers » » Carl Lassen
» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS
TELEPHONE N.º 986 End. tel. CARLASSEN — LISBOA
Rua dos Correeiros, 92, 1.º

ACABA DE PUBLICAR-SE:

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

→POR←

ERNESTO VIEIRA

2 Explendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos
Na sua maior parte absolutamente ineditos

PREÇO BROCHADO 4\$000 RÉIS

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Adelina Judice Samora , professora de guitarra, <i>Trav. de S. Sebastião, 26, 4.º, E.</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>Rua N. de S. Francisco de Paulo, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrès Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r c., D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluç, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elvira Rebello , professora de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Jesus Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua de D. Carlos, 119, 4.º</i>
Francisco Benetò , professor de violino, <i>Avenida, 198, 4.º, E.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>Rua das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , professor de violoncello, <i>R. de S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano e orgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Rua do Salitre, 341.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof.ª de piano e violino, <i>R. do Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, r/c.</i>
Victoria Mirès , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 5.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colónias	1\$ 200
No Brazil (moeda forte)	1\$ 800
Estrangeiro	Fr. 8

PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA